

A SÍNCOPE NA VARIEDADE LINGÜÍSTICA DE RIO VERDE¹

Luzia de Fatima Cabral Ximenes²

APRESENTAÇÃO

Propomos, neste artigo, descrever e analisar lingüisticamente o fenômeno da síncope da vogal postônica em proparoxítonas, a partir dos dados referentes à pesquisa em desenvolvimento em Rio Verde - GO. Para tanto, partimos da hipótese de que tal fenômeno nos remete a fases anteriores da nossa língua.

Este trabalho está vinculado ao Projeto “A lingüística e a história da colonização de Goiás”, o qual, por sua vez, é parte de um outro maior: “Projeto Filologia Bandeirante”. O estudo compõe também uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás.

Embora Rio Verde não seja um município que tenha surgido no período das Bandeiras, entre os séculos XVII e XVIII, este trabalho é norteado pelos princípios do seu projeto de origem pelo fato de seguir as mesmas orientações teórico-metodológicas. Por um lado, fundamenta-se em bases geolingüísticas, uma vez que delimita um determinado território para estudo. Por outro lado, segue princípios sociolingüísticos porque considera elementos sociais na análise, ou seja, as variáveis idade, escolaridade, origem, dentre outras.

Entretanto, vale assinalar que não seguimos na íntegra nem uma linha teórico-metodológica, nem outra, apenas utilizamos determinadas orientações de ambas, as quais propiciam a condução do nosso trabalho. Baseamos, mais especificamente, na história sociocultural da região e buscamos confrontar o fenômeno lingüístico em estudo com registros observados em fases anteriores da língua.

Os trabalhos voltados para variação e mudança lingüísticas no estado de Goiás ainda são escassos, poucas são as localidades contempladas. Destacamos aqui os trabalhos de Calaça (1999) em Anápolis, Silva (1992) em Abadia de Goiás, Mendonça (1991) em Santa Cruz de Goiás, Paula (2000) e Fonseca (2000) em Catalão e Pádua (2001) em Niquelândia. Contamos ainda com outros trabalhos em desenvolvimento referentes aos municípios de Goiás, Porangatu, Rio Verde, Caiapônia, Corumbá, Porto Leocárdio e Pilar de Goiás. Contudo, vale lembrar que a respeito do tema em estudo neste artigo, não há nenhum trabalho no estado, que seja do nosso conhecimento.

O *corpus* dessa pesquisa representa os falares de pessoas idosas, com pouca ou nenhuma escolaridade e de origem rural do município de Rio Verde.

A escolha do tema desse trabalho deve-se ao fato de ser a síncope um fenômeno histórico que tem despertado interesse para a pesquisa lingüística em todo o Brasil, como também, um fenômeno que envolve fatores históricos do local da pesquisa.

Dentre outros itens que serão analisados posteriormente, foi *abóbora* que motivou a escolha do tema desse estudo, tendo em vista que é proparoxítono e sofre perda da vogal átona

¹ Artigo apresentado na XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos, na Universidade Federal da Paraíba/CCHLA

² Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Goiás / Professora de Ensino de 1º e 2º Graus no CEFET- RV

postônica não-final: <abobra>. A importância que demos a esse item lexical deve-se ao fato de que o mesmo constituiu complemento do nome do local da pesquisa no início do povoamento: *Arraial das Abóboras*.

Segundo a história, o povoado recebeu esse nome devido ao fato de ter havido abundância em plantação de abóboras na região. Conforme relatos de Arantes (2003), a escritura de doação de terras para a igreja já falava no Córrego Abóbora. Dessa forma, acredita-se que o apelido *Abóbora* vem do surgimento da cidade, por ser esse um fruto nativo da região e desde o período que aqui moravam apenas os índios Kayapó, a abóbora já existia como alimento.

Embora posteriormente a cidade tenha recebido o nome de Rio Verde, o complemento *das Abóboras* permanece até nossos dias, trazendo consigo a variação *Rio Verde das Abobra(s)* ou simplesmente *Abobra*. E além disso, as pessoas de origem rioverdense muitas vezes são chamadas, de forma jocosa, de *abobra* ou *abobrinha*.

Portanto, um item lexical que constituiu o nome do lugar da pesquisa é que nos conduziu à escolha do tema.

Os dados diacrônicos dessa trabalho foram coletados em livros sobre a constituição e evolução do latim, como também das línguas românicas, com ênfase especial na língua portuguesa. Para tanto, contamos com os trabalhos de Tarallo (1990), Coutinho (1976), Camara Jr. (1953 e 2001), Silva Neto (1977 e 1976), Williams (1973), Nascentes (1922), Amaral (1982, dentre outros.

Para a descrição e análise do fenômeno lingüístico em estudo, fundamentamo-nos em Amaral (2002), Quednau (2002), Bisol (2000) e Head (1986), .

1. RIO VERDE – LOCALIZAÇÃO E HISTÓRIA

Rio Verde está localizada na microrregião sudoeste do estado de Goiás, Centro-Oeste brasileiro, ocupando uma área de 8.388,254 Km². A cidade fica a 222 Km de Goiânia - GO e a 445 de Brasília - DF.

A população atual do município é constituída de pessoas de várias procedências, principalmente dos estados de Minas Gerais, São Paulo e da região sul do Brasil. Constituída também de migrantes de diversas regiões do país e imigrantes que se juntaram às famílias pioneiras da região, atraídos pela vocação agropecuária e mais recentemente, pela agroindústria.

Segundo estimativa das Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação do Estado de Goiás, em 2003, a população do município era de 124.753 habitantes, sendo que 91% residia na zona urbana e 9% na zona rural.³

No início do século XIX, após a decadência do ouro em Goiás, o estado viveu um período de grandes dificuldades econômicas. Com o propósito de reerguê-lo, o governo português ofereceu incentivos fiscais a pessoas que se interessassem em investir nas atividades agrícolas e pastoris nas terras goianas (Campos, 1971). Dessa forma, migrantes de vários estados e regiões, como São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Pará, como também do sul do país fixaram-se nesse solo (PALACÍN; MORAES, 1989).

Por volta de 1840, começam a chegar à região as primeiras famílias provenientes do estado de São Paulo e posteriormente, de Minas Gerais, com o objetivo principal de criar gado.

³ Dados obtidos através de material divulgado pela SEPLAN-GO/SEPIN, 2004.

Essas famílias tiveram muitos problemas em relação à resistência dos índios Kayapó, até então donos dessas terras.

Conforme o costume da época, os núcleos populacionais iniciavam-se a partir de doações de terras à igreja para construção de capelas. Conforme Cunha Neto (1988, p. 29), “Em 25 de agosto de 1846, José Rodrigues de Mendonça e sua mulher, dona Florentina Cláudia de São Bernardo doam parte de suas terras para construção de uma capela em louvor à Nossa Senhora das Dores. Daí surgiu o povoado que recebeu o nome de Arraial de Nossa Senhora das Dores do Rio Verde.”. Em 5 de agosto de 1848, o Governo Provincial criou a Freguesia das Dores do Rio Verde, mais tarde, Rio Verde.

Por mais de cem anos, a principal vocação econômica do município era a pecuária. Entre 1950 e 1970, com a abertura dos cerrados, inicia-se uma nova fase. Migrantes de São Paulo, do sul do país, como também imigrantes dos Estados Unidos e da Rússia chegam com o objetivo de expandir a produção agrícola no sudoeste de Goiás. Com isso aumenta a cada ano o número de migrantes e imigrantes na região.

Como consequência do processo de migração, ocorre a miscigenação cultural no município. As influências predominantes até então eram paulista e mineira, provavelmente, com alguma contribuição de remanescentes indígenas e africanos. Com a expansão do desenvolvimento econômico, a cultura local passa por uma fase de mudança em ritmo acelerado. Tal fato pode ser constatado, principalmente nos campos social e lingüístico.

Para análise e descrição neste artigo, o fenômeno lingüístico selecionado, em ocorrência nessa comunidade, foi a síncope da vogal postônica em palavras proparoxítonas.

2. A SÍNCOPE

O processo da síncope consiste na supressão de um ou mais segmentos no interior do vocábulo. A síncope da vogal postônica de proparoxítonos, com a redução do vocábulo a paroxítono e possível evolução posterior do grupo consonântico resultante é, conforme Quednau (In: Bisol; Brescancini, 2002, p. 80), “a mais conhecida síncope que ocorreu em latim vulgar.”, como também, “um dos fenômenos mais amplamente difundidos no Brasil e documentados na literatura”.

Conforme citamos anteriormente, contamos com vários estudos diacrônicos que retratam a ocorrência da síncope na constituição das línguas românicas. Segundo Bisol (2000), as regras de síncope que compõem as gramáticas históricas dessas línguas permanecem vivas também no português do Brasil, conforme exemplifica:

a. Latim

lepōrem > leporis > lebre (Port.)
arbōrem > arbore > arbre (Fr.)

b. Português

fōsforo > fōsfuru~fosfru,
abóbora > abóbura~abobra.

Ilari (2001) apresenta marcas do processo de síncope como características fonéticas e fonológicas da variedade de sujeitos não-escolarizados do português falado no Brasil. Para exemplificar a ocorrência do fenômeno, o autor cita *cosca* < *cócega*, *abobra* < *abóbora*, *arve* < *árvore*, *oclos* < *óculos*, *lampa* < *lâmpada*, *figo* < *figado*. Coutinho (1976) aponta os ambientes

mais favoráveis à ocorrência da síncope, dentre os quais, destacamos aqueles em que a vogal postônica se encontra depois de uma consoante oclusiva e antes de uma lateral vibrante ou entre uma labial e outra consoante, conforme discutiremos no item subsequente.

A partir dos dados do Atlas Prévio dos Falantes Baianos, Head (1986) desenvolve um estudo sobre a transformação de proparoxítonas em paroxítonas na linguagem regional e popular do Brasil.

Nesse estudo, o autor faz um levantamento de vários trabalhos realizados, nos quais é constatada a ocorrência da troca de formas proparoxítonas por paroxítonas em diferentes regiões do Brasil. Dentre os estudos elencados, ressaltamos os de Nascentes (1922) no Rio de Janeiro; Marroquim (1945) no nordeste; Amaral (1920) em São Paulo; Teixeira (1938) em Minas Gerais e Seraine (1938) no Ceará.

Posteriormente, vários outros trabalhos foram realizados em variedades distintas do português do Brasil, como em Minas Gerais, no Ceará, no Paraná e no Rio Grande do Sul (Caixeta, 1989; Aragão, 1999; Aguilera, 1995 e Amaral (2002). A partir desses estudos, constata-se que a variação das proparoxítonas é, realmente, um fenômeno difundido em todo território, não só na fala dos menos escolarizados, como também na dos mais escolarizados, em determinadas situações.

Dos trabalhos citados, destacamos a pesquisa de Amaral (2002) sobre a síncope em proparoxítonas, a qual foi realizada no município gaúcho de São José do Norte, com informantes da zona rural. Desse estudo, o fato mais importante destacado foi que a síncope é favorecida quando se propicia uma sílaba bem-formada, constituída de acordo com os padrões da língua, conforme veremos na análise lingüística, em 3.

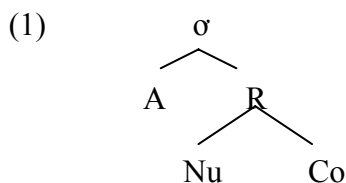
A referida autora confirma ainda que as proparoxítonas constituem a menor e mais especial classe acentual da língua portuguesa. Com base em dados da primeira edição do Dicionário Aurélio, constata que essa classe de palavras representa apenas cerca de 7% dos verbetes apresentados.

No item seguinte, podemos observar os resultados obtidos na pesquisa realizada em Rio Verde a respeito desse fenômeno.

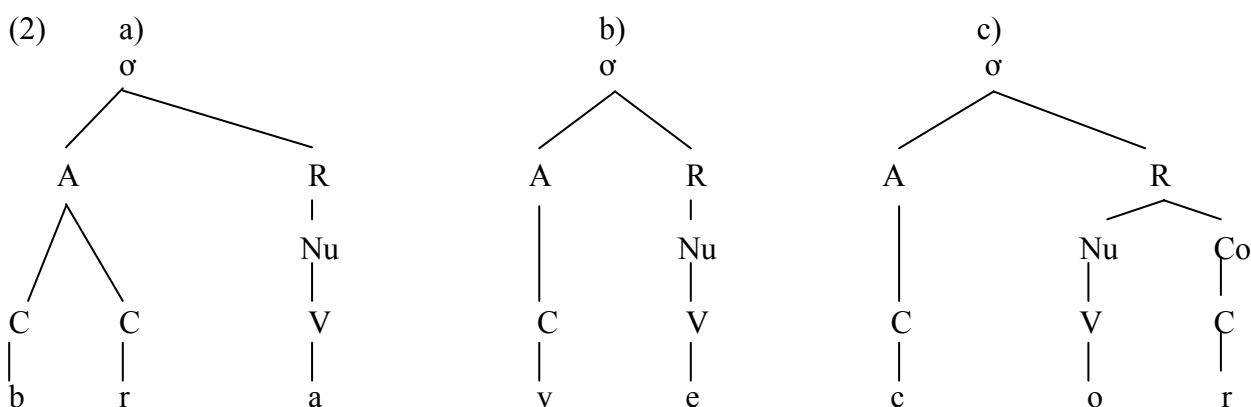
3. ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Assumimos que a síncope é a supressão de um ou mais segmentos em sílaba(s) átona(s) de uma palavra. Quando há ocorrência da síncope, o grupo consonantal resultante deve constituir um ataque bem-formado (a.bó.bo.ra > a.bo.bra, re.lâm.pa.go > re.lam.po) ou uma rima bem formada (pé.ro.la > per.la) (Amaral, 2002).

Tanto o ataque quanto a rima necessitam estar de acordo com o padrão silábico permitido pela língua. A sílaba, conforme nos apresenta Selkirk (1982, p. 329) possui uma estrutura hierarquizada representada por árvore, ou seja, uma divisão bipartida: ataque (A) e rima (R). A rima subdivide em núcleo (Nu) e coda (Co), como em (1).



Em português, o ataque é a posição que compreende no máximo dois segmentos sonoros da língua, podendo ser simples ou ramificado. A partir de dados da pesquisa realizada em Rio Verde, demonstramos tal teoria, através das sílabas resultantes do processo de síncope, nas palavras *a.bó.bo.ra* > *a.bo.bra*, *ár.vo.re* > *arvre* > *ar.ve* e *cór.rego* > *cor. go*, conforme apresentamos em (2).



O ataque simples ou não-ramificado é constituído de um único segmento, podendo ser qualquer consoante. O ataque ramificado ou complexo é constituído de dois segmentos, sendo o primeiro uma oclusiva ou fricativa labial, e o segundo, uma soante não-nasal. Essa condição de ataque forma a seqüência OL - obstruinte (não-continua ou contínua labial) + líquida (vibrante simples ou lateral), excluídos os grupos /tl/, /dl/ e /vl/, os quais se restringem a nomes próprios de origem estrangeira (Collishonn, 1999). Assim, temos os seguintes grupos permitidos e realizáveis no ataque em português: *pr*, *pl*, *br*, *bl*, *fr*, *fl*, *kr*, *kl*, *gr*, *gl*, *tr*, *dr* e *vr*. Vale também ressaltar que a posição de ataque em português não é obrigatória, pode ser vazia.

A rima (R) se subdivide em núcleo (Nu) e coda (Co). O núcleo da sílaba em português, conforme Silva (2003), é geralmente preenchido por segmentos vocálicos, conforme exemplificamos em (3), com as sílaba *tor*, da palavra *catorca* < *católica* e *to*, da palavra *teto* < *tétano*, resultantes do processo de síncope, na fala de informantes da pesquisa em Rio Verde,



Enquanto o preenchimento das posições consonantais, segundo Silva (2003), é opcional no português, a posição vocálica é obrigatória, ou seja, não existe sílaba sem núcleo.

Conforme podemos observar em (3), a coda é uma posição também opcional, e localiza-se na margem direita da sílaba. Pode ser constituída de até dois segmentos, podendo ser as soantes, a obstruinte /s/, as líquidas, lateral /l/ e vibrante /r/, os glides /j/ e /w/, as nasais /n/ e /m/ e em número restrito de palavras, consideradas empréstimos, os fonemas /p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g/ e /f/. No último caso, os fonemas finais que exercem a posição de coda podem sofrer variação na fala, apresentando um fonema vocálico subsequente. Nesse caso, as consoantes deixam de ocupar a posição de coda e passam ao ataque, conforme são pronunciadas nas palavras *pacto*, *atmosfera*, *amnésia*, dentre outras.

Apresentamos, na seqüência, alguns dados selecionados na pesquisa realizada em Rio Verde, os quais confirmam as teorias discutidas neste artigo. Na primeira coluna, aparece a forma proparoxítona, conforme estabelecida pela língua padrão e na segunda, a paroxítona, empregada pelos informantes. Na análise, apresentamos três colunas, sendo que na primeira aparece a forma estabelecida pela língua padrão, na segunda, demonstra os segmentos sincopados e na terceira, as realizações empregadas pelos informantes, ou seja, a forma paroxítona.

a)		b)
<i>abóbora</i>	>	<i>abóbra</i>
<i>açúcar</i>	>	<i>açucra</i>
<i>córrego</i>	>	<i>córgo</i>
<i>chácara</i>	>	<i>chacra</i>
<i>óculus</i>	>	<i>óclus</i>
<i>época</i>	>	<i>épca</i>
<i>médico</i>	>	<i>médco</i>
<i>tétano</i>	>	<i>této</i>
<i>católica</i>	>	<i>catórca</i>
<i>rápido</i>	>	<i>rapⁱdo</i>
<i>árvore</i>	>	<i>arve</i>
<i>crônica</i>	>	<i>crônca</i>
<i>Lázaro</i>	>	<i>Lazo</i>
<i>Quirinópolis</i>	>	<i>Quirinópi</i>
<i>cômodo</i>	>	<i>cômdo</i>
<i>século</i>	>	<i>séco</i>

Partindo do princípio de que o molde silábico em português, segundo Collischonn (1999), possibilita a formação de ataque simples (CV) ou ramificado (CCV), como também de rima simples (V) ou ramificada (VC) e de que no processo de variação ocorrem diferentes possibilidades de tratamento da sílaba ou da vogal postônica não-final, dividimos os itens selecionados em quatro grupos, com suas respectivas análises.

- a) contexto fonológico *seguinte* (sílaba postônica final), constituído por líquida ou nasal. Nesse caso obtivemos três resultados distintos:

- ao apagar a vogal (rima) postônica não final, o ataque dessa sílaba manteve-se e passou a integrar-se à sílaba posterior, constituindo um ataque ramificado, o qual não implica no peso da sílaba.

a)		b)		c)
<i>a.bó.bo.ra</i>	>	<i>a.bo.bØ.ra</i>	>	<i>a.bó.<u>bra</u></i>
<i>a.çu.ca.ra</i>	>	<i>a.çu.cØ.ra</i>	>	<i>a.çu.<u>cra</u></i>
<i>chá.ca.ra</i>	>	<i>cha.cØ.ra</i>	>	<i>cha.<u>cra</u></i>
<i>ó.cu.lus</i>	>	<i>o.cØ.lus</i>	>	<i>ó.<u>clus</u></i>

- ao apagar a vogal postônica não-final, ocorreu também o apagamento do ataque postônico final, favorecendo a formação de uma nova sílaba.

<i>Lá.za.ro</i>	>	<i>La.zØ.Øo</i>	>	<i>La.<u>zo</u></i>
<i>Qui.ri.nó.po.lis</i>	>	<i>Qui.ri.no.pØ.Øis</i>	>	<i>Qui.ri.nó.<u>pi</u></i>
<i>ó.cu.lus</i>	>	<i>o.cØ.Øus</i>	>	<i>ó.<u>cus</u></i>
<i>sé.cu.lo</i>	>	<i>se.cØ.Øo</i>	>	<i>sé.<u>co</u></i>
<i>té.ta.no</i>	>	<i>te.tØ.Øo</i>	>	<i>té.<u>to</u></i>

- ocorreu o apagamento da vogal não-final e a simplificação do ataque complexo da segunda sílaba, resultando uma nova sílaba leve.

<i>ár.vo.re</i>	>	<i>ar.vØ.re</i>	>	<i>ar.vØe</i>	>	<i>ar.<u>ve</u></i>
-----------------	---	-----------------	---	---------------	---	---------------------

- b) o ataque da postônica não-final é uma líquida ou nasal. Nesse caso, houve apagamento da rima postônica não-final e ficando o ataque flutuante, reassocia-se à coda precedente, pois não pode formar um ataque, de acordo com a condição de ataque ou de acordo com a escala de sonoridade. Temos, nesse caso, uma rima ramificada, a qual constitui uma sílaba pesada³.

<i>cór.re.go</i>	>	<i>cor. rØ.go</i>	>	<i>cór.<u>go</u></i> ⁴
<i>crô.ni.ca</i>	>	<i>cro.nØ.ca</i>	>	<i>crôn.<u>ca</u></i>
<i>ca.tó.li.ca</i>	>	<i>ca.to.lØ.ca</i>	>	<i>ca.tór.<u>ca</u></i> ⁵

- c) sílaba postônica não-final, cujo ataque é uma labial e a rima é a vogal /o/. Nesse caso, a presença da labialidade no contexto fonológico favoreceu a síncope.

³ A sílaba pesada, conforme Collischonn (In: BISOL; BRESCANCINI, 1999), é aquela constituída de rima ramificada (núcleo e coda), já o ataque ramificado não implica no peso da sílaba.

⁴ Podemos também interpretar a vibrante como geminada, que é uma tendência atual. Nesse caso, ocorre a perda da sílaba não final e também de seus segmentos.

⁵ Nesse item observamos que além da síncope houve troca da líquida, no lugar da lateral, o informante utilizou a vibrante.

é.po.ca > *e.pØ.ca* > *ép.ca*
cô.mo.do > *co.mØ.do* > *côm.do*⁶

- d) a rima da postônica não-final é /i/ e o ataque é uma oclusiva . Observamos que nesse caso há uma resistência maior à síncope, tendo em vista que a consoante flutuante, juntando-se à sílaba seguinte, não constitui um ataque permitido na língua portuguesa, como também, caso integre à sílaba anterior, não constituiria uma rima permitida.

mé.di.co
rá.pi.do

Conforme verificamos em nossa análise de dados, a síncope em proparoxítonas é previsível e suas realizações permitem sistematização.

Contudo, vale ressaltar que nem todos os casos de variação em palavras proparoxítonas haverá síncope, outras alterações são encontradas, como é o caso da redução (*fós.fo.ro* > *fós.fu.ro*, *a.bó.bo.ra* > *a.bó.bu.ra*) e o alçamento de vogais postônicas (*véspera* > *véspura*, *sábado* > *sabu*) (Bisol, 2000).

CONSIDERAÇÕES

Sintetizando o exposto nessa análise, podemos dizer, em primeiro lugar, que a síncope, além de ser um processo lingüístico comprovado em várias localidades do Brasil e em especial, em Rio Verde, é também um processo que nos remete a fases anteriores da língua portuguesa. Silva Neto (1977) confirma que o apagamento da vogal postônica é uma das características mais sugestivas do latim vulgar e que se repete ainda hoje nas línguas românicas. Esse autor ilustra tal fato através de citações do *Appendix Probbi*⁷. Williams (1961) não apenas confirma tal ocorrência, como aponta suas causas, dentre elas, as influências lingüísticas dos diferentes povos que ocuparam a Península Ibérica após a queda do Império Romano.

Constatamos também que entre os fatores lingüísticos analisados, o ambiente que mostrou mais significativo para a ocorrência da síncope foi o contexto fonológico constituído por líquida, conforme apresentamos em a), na análise lingüística. Tal processo resultou em dois casos distintos. No primeiro, o apagamento da vogal diante da líquida favoreceu o surgimento de um novo ataque bem formado, ao agregar a consoante que flutua à sílaba seguinte (*ó.cu.lus* > *o.cØ.lus* > *o.clus*). No segundo, o apagamento da vogal diante da líquida favoreceu o apagamento da consoante que constituía ataque da postônica final, formando uma nova sílaba com ataque simples (*Lá.za.ro* > *La.zo*)

Portanto, as proparoxítonas mais propícias ao apagamento da vogal postônica não final foram as que apresentaram /r/ ou /l/ para a ressilabação, emergindo um grupo consonantal licenciado pelo sistema. Este resultado endossa a constatação de Quednau (In: Bisol; Brescancini,

⁶ Nesse caso, observamos ainda que devido à formação de ataque flutuante e este não poder acoplar-se à sílaba seguinte o resultado foi uma rima ramificada não-prevista na sílaba anterior, ou seja, uma sílaba mal-formada, a qual não é permitida pelo sistema.

⁷ Obra de gramático desconhecido, que constitui uma lista de 227 palavras usadas de forma “errada” pelo povo, ao lado das quais o autor oferecia a pronúncia e a grafia “corretas” (séc. III).

2002, p. 105): “As líquidas constituem um dos ambientes mais favorecedores ao apagamento da vogal postônica não-final.”

Em seguida, constatamos que o ambiente em que o ataque da postônica não-final é uma líquida ou nasal, também é favorável ao apagamento, uma vez que o ataque flutua e passa a integrar a sílaba anterior, constituindo uma sílaba pesada, com rima ramificada (*crônica* > *crôn.ca*).

Em contextos nos quais a rima da postônica não-final era /o/ e o ataque era uma labial, constatamos que também ocorreu apagamento, tendo em vista que o traço labial favoreceu a síncope (*cô.mo.do* > *com.do*). Porém, quando essa vogal era /i/, não ocorreu o mesmo, pois a síncope não se estabeleceu. Houve apenas um abrandamento ou uma possível redução dessa vogal (*mé.di.co*).

Outra confirmação importante foi a de que a síncope é favorecida quando se propicia uma sílaba bem-formada, constituída de acordo com os padrões da língua, conforme apresentamos.

Com este estudo, que tem como informantes pessoas idosas, menos escolarizadas e de origem rural, no município de Rio Verde, comprovamos que o fenômeno da síncope se mantém vivo na fala dessas pessoas, assim como em outras localidades brasileiras. Propomos, porém, que outras pesquisas sejam realizadas nessa mesma comunidade, abrangendo variáveis extralingüísticas distintas, a fim de constatar tal fenômeno.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**. Página da internet. São Paulo, 1982.
- AMARAL, Marisa Porto do. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 99- 126.
- ARAGÃO, M. do S. S. de. **Aspectos fonéticos das proparoxítonas no falar de Fortaleza**. Anais II Congresso Nacional da ABRALIN, UFSC, Florianópolis, fev. 1999.
- ARANTES, Antônio Ferreira. **Entrevista gravada em fita K7**. Rio Verde: maio/2003.
- BISOL, Leda. O troque silábico no sistema fonológico. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**. SCIELO Brasil. São Paulo, v. 16, n. 2, 2000.
- CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- CAMPOS, Onaldo. **Rio Verde Histórico**. São Paulo: Edigraf, 1971.
- COLLISCHONN, Gisela. A sílaba em português. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p. 125-158.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- CUNHA Neto, Oscar. **Rio Verde: Apontamentos para a sua história**. Goiânia: Gráfica e Editora O Popular, 1988.
- HEAD, Brian F. O destino das proparoxítonas na linguagem popular. In: **IV Anais do Encontro de Variação e Bilingüismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1986.
- ILARI, Rodolfo. **Lingüística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

- PALACÍN, Luís e MORAES, Maria Augusta de Sant'Ana. **História de Goiás**. 5. ed. Goiânia: UCG, 1989.
- QUEDNAU, Laura Rosane. A síncope e seus efeitos em latim e em português arcaico. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 79-97.
- SELKIRK, Elisabeth O. The syllable. HULST, Van Der, SMITH. **The structure, of phonological representations** (part. II). Foris, Dordrecht, p. 329-350.
- SILVA, Thaís Cristófaru. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- SILVA NETO, Serafim da. **História do latim vulgar; apresentação de Rosalvo do Valle**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.
- SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976.
- TARALLO, Fernando. **Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1990.
- WILLIAMS, E. B. **Do latim ao português – fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa**. Trad. Antônio Houaiss. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.